



GT 40. Etnografia e documentos

Coordenador(es):

Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

André Gondim do Rego (IF Brasília)

Sessão 1

Debatedor/a: Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Fernanda Maidana (Universidad Nacional de Tierra del Fuego)

Sessão 3

Debatedor/a: Martiniano Alcantara Neto (Universidade de Brasília)

Os documentos fazem parte do conjunto de materiais e artefatos acessados (e produzidos!) pelos antropólogos desde a institucionalização da disciplina. Em períodos diversos, eles atingem níveis de importância e de centralidade na consolidação do campo antropológico; níveis que vão do desprezo, enquanto fonte de informação imediata e dominação sobre aquilo que se documenta (LATOURET, 2012), ao esforço de encará-los por uma leitura a contrapelo, evidenciando as suas capacidades organizativas e criativas (HULL, 2012; ZEITLYN, 2012). Cada vez mais, os documentos são incorporados à prática etnográfica. Em várias de nossas pesquisas antropológicas, partes significativas do ponto de vista de “nossos outros” podem estar documentadas nos mais diversos formatos. Olhar atentamente para documentos representa uma porta de acesso às lógicas e práticas de funcionamento dos ambientes que os produzem, dos circuitos que eles são colocados e operam, das redes em que figuram e das relações de poder que aderem a eles. Esse GT pretende receber reflexões e estudos que perpassam a relação entre etnografia e documentos em diferentes sentidos. Nosso interesse recai tanto em investigações que tenham os documentos como elemento central, como para outras que os transpassam e os transbordam para o melhor entendimento do universo estudado.

Etnografia no Palácio da Polícia: práticas suicidas através de inquéritos policiais

Autoria: Sara Caumo Guerra (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Há um longo percurso da pesquisa em Antropologia que toma para si a produção de documentos e os próprios documentos como objetos de análise, especialmente quando trabalhamos com sociedades fortemente marcadas pela materialização de suas dinâmicas através desses suportes. A Antropologia já produz discussões específicas sobre a etnografia de arquivos e de documentos, onde a noção de seguir os desdobramentos dos documentos, mais recentemente, articula-se com a atenção aos processos tecnológicos e institucionais de produção de materialidades. Quando a/o antropóloga/o tem a oportunidade de acompanhar as práticas que conformam dispositivos de registro, algumas particularidades dos processos podem compor a etnografia. É essa a circunstância atual de minha pesquisa de doutorado sobre as práticas suicidas na cidade de Porto Alegre/RS. Diante de um tema de difícil aproximação, e dada sua categorização como “crime violento”, passível de investigação policial, tenho apostado na estratégia metodológica de acessar os inquéritos produzidos pelos agentes da polícia civil no decurso das investigações sobre a morte, à princípio passível de dúvida sobre sua forma e motivação. Antes de conhecer as práticas de investigação levadas à cabo pelas/os policiais civis, chamou-me a atenção a fabricação de cartas, bilhetes e notas pelas pessoas suicidas. Entrando em contato com alguns desses documentos e relacionando-os com a literatura



sobre a categoria de testemunho e as implicações dessas elaborações para o debate sobre produção da pessoa na contemporaneidade brasileira, entendi que seria necessário encontrar uma maneira de inventariar o maior número possível desses materiais. A partir dessas reflexões, negocieei minha entrada na 2ª Delegacia de Polícia de Homicídios e Proteção à Pessoa de Porto Alegre, uma das seis delegacias que cobrem a cidade. Atualmente, tenho me inserido no Palácio da Polícia do Estado do Rio Grande Sul, entre agentes da polícia civil, os quais vêm manifestando especial interesse sobre o tema, oferecendo informações não disponíveis nos próprios inquéritos. Além disso, o lugar da pesquisa tem me permitido ouvir conversas sobre a própria produção dos inquéritos, algumas delas que refletem particularidades do work acadêmico. Estou interessada em como as cartas, bilhetes, notas de suicidas aparecem nos inquéritos policiais. Em como as pessoas que se matam são representadas nas situações em que narram as suas motivações e naquelas em que não narram. Me interessa também observar o que se repete nos inquéritos e o que os torna particulares, numa tensão entre o singular dos casos e as tecnologias de investigação e de governo. Por fim, tento refletir sobre a produção da pessoa na contemporaneidade através de situações-limites e de agentes heterogêneos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: